

# Atividade paralela para ampliar ganho estimula ausência

*Para muitos professores estaduais, trabalho na escola passa a ser secundário*

O professor de História Édson Yoshió Kawahata, de 33 anos, dá aulas no Estado, na Prefeitura e na rede privada. Além disso, complementa sua renda mensal com um trabalho sem vínculo empregatício em uma empresa de pesquisa. Só com essa última atividade ganha, por mês, 200% a mais do que recebe pelo Estado.

"Quando tenho de faltar, opto pelo lugar que me dói menos no bolso: a rede estadual", disse Kawahata, que ainda é militante da Apeoesp. "Também acho que às vezes compensa faltar para exercer a militância sindical", disse. Em 94, ele afirma ter faltado 32 dias no Estado. "A atividade escolar para mim é quase que secundária hoje."

Kawahata associa ainda sua disposição — e a dos colegas — em faltar à ausência de estímulo para exercer a profissão. "Grande parte dos professores hoje são estudantes, não formados pelo magistério e ainda sem curso de licenciatura", afirmou. "O professor mesmo não encontra ambiente para exercer seu trabalho, não consegue se aperfeiçoar e não tem eco para suas inquietações pedagógicas."

Com quatro filhas, uma com graves problemas de saúde, e separada do marido, a professora de pré-escola Solange Aparecida Leite, de 30 anos, ficou 43 dias de licença em 94, além dos outros dias em que precisou faltar. "Deixo de trabalhar para levar minha filha ao médico", disse Solange, que garante não receber nenhum tipo de ajuda do ex-marido.

Para evitar descontos, ela procura não faltar dias seguidos no mês. "Não tenho outro jeito, pois minha filha só pode ser tratada no Hospital do Servidor Público", afirmou Solange. De acordo com a professora, o magistério perdeu o convênio com hospitais regionais e todo tratamento médico tem de ser realizado no Servidor, localizado no Ibirapuera, Zona Sul. "Moro em Osasco e torno seis ônibus cada vez que vou e volto de lá." (M.L.P.)